

Voz rouca e baixo sujo

Otávio Mazza

Colaboração para o BOM DIA

Na sexta-feira, encerrou-se mais uma passagem da banda inglesa Motörhead pelo Brasil. Antes de tocarem em Brasília, anteontem, passaram por São Paulo, Curitiba e Florianópolis - quatro shows em uma semana compuseram a escala brasileira da "The World is Yours Tour", que já passou por 93 cidades em mais de 25 países e ainda contemplará mais 26 outras, agendadas até o momento.

Aos fãs que não puderam conferir de perto a voz rouca e o baixo sujo de Lemmy Kilmister - tocado em acordes, como se fosse uma guitarra -, a bateria precisa e pesada de Mickey Dee e a guitarra segura de Phil Campbell desta vez, resta aguardar a volta da banda ao país em outubro, quando toca no Rock in Rio, ou assistir ao documentário "Lemmy" - sobre o líder da banda -, que estreia na quinta-feira (28), em São Paulo, e em 6 de maio, no Rio de Janeiro, como parte da programação do In-Edit Brasil - Festival Internacional do Documentário Musical. O longa também será exibido em dia 30, às 23 horas, no Cinesesc, e no dia 7/5, às 19 horas, no Cine Olido, então com a presença do diretor Wer Orshoski.

Qual é, no entanto, o segredo da longevidade de Lemmy e do Motörhead? E, no caso específico do Brasil, como eles conseguem continuar a levar um bom público aos seus shows, mesmo tocando aqui praticamente toda turnê - o que, no caso do Motörhead, significa passagens de dois em dois anos pelo país -, sem recursos audiovisuais pirotécnicos e fazendo basicamente o mesmo tipo de música, sem grandes variações, desde o início da carreira, em 1975?

Algumas das respostas para tais questões estão encerradas nas próprias perguntas. Mesmo com a concorrência acirrada de artistas como Iron Maiden, Ozzy Osbourne, U2 e tantos outros que têm feito do Brasil uma aparente meca dos shows internacionais, o Motörhead ainda oferece algo que os fãs de rock sempre procuram, mas nem sempre encontram: legitimidade.

O Motörhead é uma autêntica banda de rock, fiel ao seu estilo e que faz shows baseados unicamente em sua música. E, dentre praticamente todas as grandes bandas de rock que continuam

Com mais de 35 anos de estrada, Motörhead mostra fôlego em shows e disco novo; documentário sobre o líder Lemmy Kilmister estreia esta semana no país



O ROCK AND ROLL QUER VOCÊ

Desde o início da carreira, em 1975, o Motörhead faz basicamente o mesmo tipo de som, mas a banda do cultuado Lemmy Kilmister, 65 anos, tem algo que os fãs de rock sabem ser raro hoje em dia: autenticidade

Divulgação

na ativa, é a única que pode se orgulhar de viver grande fase criativa, tendo lançado pelo menos três ótimos discos de inéditas na sequência: "Kiss of Death" (2006), "Motörizer" (2008) e "The World is Yours" (2011), lançado recentemente - pela EMI, além do ao vivo "Better Motörhead Than Dead" (2007).

Enquanto bandas que têm trajetória ou estilo de alguma forma próximos do Motörhead, como AC/DC e Rolling Stones - começam nas décadas de 60 e/ou 70, rock básico e sem firulas, fãs incondicionais e de variadas idades são alguns pontos em comum -, lançam no máximo dois discos por década e fazem shows gigantes e superproduzidos, mas com pouco e por vezes indesejado material mais novo, o Motörhead grava um trabalho novo a cada dois ou três anos, praticamente não sai da estrada e pode se dar ao luxo de tocar um set list composto em mais de um terço (6 de 17) por canções de seus quatro discos de estúdio mais recentes: "Inferno", de 2004, e os já citados "Kiss of Death", "Motörizer" e o mais novo, "The World is Yours". E isso sem que os fãs saiam do show resmungando o tradicional "foi legal, mas poderiam ter tocado mais músicas antigas", quase tão frequente quanto os shows internacionais no Brasil.

Esse é de fato um dos grandes diferenciais da banda: as músicas recentes se misturam às clássicas sem choque de qualidade, assim como os discos desta década podem figurar ao lado de clássicos como "Overkill" (1979), "Ace of Spades" (1980) e "1916" (1991) sem fazer feio. E a formação da banda, que já passou por abalos consideráveis com a saída do guitarrista "Fast" Eddie Clark, em 1982, e do baterista Phil "Animal" Taylor, uma década depois, estabilizou-se com o guitarrista Phil Campbell e baterista Mickey Dee e parece mais afiada do que nunca. Que o digam os fãs que mais uma vez compareceram aos show no Brasil.

A regularidade da produção do Motörhead combina com o estilo de vida de seu líder, tema predominante do documentário "Lemmy". O fato de Lemmy Kilmister, com 65 anos, ainda seguir a mesma linha "sexo, drogas e rock'n'roll" de quando começou a banda, permanecer vivo e sentir prazer fazendo o mesmo tipo de música é, para os fãs, um sinal de que o rock vale a pena.